PRODUÇÃO DE PROTEÍNAS DE ORIGEM ANIMAL NO RIO DE JANEIRO
- Oportunidades de Negócios -

Conclusões e propostas do seminário realizado no dia 18 de fevereiro de 2022 no auditório da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA)

Foto: Divulgação/Copacol

Realização: SNA - Apoio: CRMV-RJ e ABRAMVET

INTRODUÇÃO

Por Luiz Octavio Pires Leal

O Estado do Rio de Janeiro tem uma área territorial de 43.696 km^2; a Holanda, 41.543 km^2; a Suíça, 41.285 km^2 e Israel, 22.145 km^2.

Rio de Janeiro

- 17 milhões de habitantes.
- Segundo maior mercado consumidor do Brasil.
- Clima tropical a subtropical (de montanha).
- Duas regiões geográficas: baixada e planalto.
- Rico em recursos hídricos.
- Bem provido de estradas.
- Rico em eletrificação rural.
- Bem provido de aeroportos e portos.
- A agropecuária responde por apenas 0,4% do PIB do Estado.

Holanda

- 27% da área territorial e 60% da população situam-se abaixo do nível do mar, sendo a parte mais baixa a cerca de seis metros, o que obriga a um esquema complicado, extenso, permanente e caro de drenagem para evitar a inundação do terreno, que é plano.
- A população – 17 milhões – é semelhante à do Estado do Rio de Janeiro.
- É uma das 10 maiores nações exportadoras de alimentos do mundo.
- A agricultura é altamente mecanizada.

Suíça

- População: 8,5 milhões de habitantes (a metade da do Estado do Rio de Janeiro).
- 2/3 da área é ocupada pelos Alpes.

- São 48 montanhas geladas com quatro mil metros de altitude, ou mais.
- Não há nenhuma área marítima.
- Inverno rigoroso.
- 2/3 da área geográfica do país é ocupada com florestas e lagos.
- Embora o setor terciário seja o mais importante, a Suíça produz leite, laticínios e diversos outros derivados, da melhor qualidade, e que são exportados para diversos países.
- A suíça Nestlé é uma das maiores, melhores e mais famosas empresas mundiais de produção e exportação de alimentos – aí incluídos os de origem animal – do mundo.

Israel

- Um país em conflito permanente com os vizinhos.
- Clima frio na montanha.
- Clima quente e seco na planície: 53,7ºC, em 1942.
- Recursos hídricos muito escassos.
- Solo extremamente pobre.
- Autossuficiente na produção de carne.
- Um dos maiores produtores de leite do mundo: 1,56 bilhões de litros por ano.
- Alta produtividade de leite por vaca: 42,0 litros.

Qual a explicação para o Estado do Rio de Janeiro ser tão pobre na produção de produtos de origem animal?

Inicialmente, é imperativo ressalvar que, se o Estado é pobre em volume, é rico em qualidade, notadamente no setor da bovinocultura, tanto de leite como de corte, em termos de reprodução assistida, genética avançada e produção e exportação de embriões.

Mas em volume, e em diversas espécies, há muito espaço para crescer.

O Estado também é muito bem servido em faculdades de Veterinária e em instituições de pesquisa. Então, o que justifica essa pobreza?

As justificativas

O texto a seguir é uma visão pessoal do autor, com a precariedade de quem não se baseia em nenhuma pesquisa científica. Vejamos, em "pílulas" e em ordem aleatória de importância:

(1) Pouco interesse da iniciativa privada, ressalvadas as importantes exceções de praxe.
(2) Falsas expectativas de apoio dos órgãos oficiais.
(3) Uma legislação ultrapassada, somada à uma burocracia medieval.
(4) Uma legislação tributária complexa e ultrapassada que dificulta o trabalho do produtor.
(5) Uma lerdeza patológica da Justiça no julgamento de ações do interesse dos produtores.
(6) Falta de entendimento – e de respeito – dos responsáveis pelas decisões políticas e econômicas do País, em relação ao fato de que os produtores, de todos os setores, que arriscam seu patrimônio, são uns verdadeiros heróis, que merecem a nossa admiração e o nosso respeito.

O SEMINÁRIO

O seminário "Produção de Proteínas de Origem Animal no RJ – Presente e Futuro" foi realizado em 18 de fevereiro no auditório da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), com o apoio do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Rio de Janeiro (CRMV-RJ) e da Academia Brasileira de Medicina Veterinária (Abramvet).

O objetivo do evento foi obter propostas capazes de tornar o Estado do Rio de Janeiro um importante produtor de alimentos e produtos de origem animal.

Na ocasião, diversos especialistas apresentaram sugestões para o desenvolvimento da avicultura, suinocultura, piscicultura e

bovinocultura de leite e de carne no Rio. Participaram do encontro veterinários, zootecnistas e empreendedores.

O presente trabalho destaca as conclusões e recomendações levantadas durante o seminário, e fazem parte de um esforço estratégico de divulgação para que seus resultados possam servir de base a novas políticas de incremento e desenvolvimento das cadeias de proteína animal no Estado.

PALESTRAS E PROPOSTAS

Luiz Octavio Pires Leal, médico veterinário, jornalista e organizador do seminário, e Alfredo Navarro, engenheiro agrônomo. Foto: SNA

ALFREDO NAVARRO: AÇÕES PARA ALAVANCAR O SETOR

O professor e engenheiro agrônomo Alfredo Navarro, que durante o evento representou o historiador e coronel veterinário de reserva, Edino Camoleze, traçou um painel da produção de proteína animal

desde o descobrimento do Brasil até os dias atuais e propôs algumas ações para alavancar o setor no Estado do Rio.

Entre elas estão o processamento de produtos mais sofisticados, favorecendo a agregação de valor; a promoção de produtos com selos de qualidade, como os orgânicos, por exemplo, e a definição de nichos de mercado que valorizem produtos customizados (artesanais).

Navarro defendeu ainda a criação de produtos com Denominação de Origem Controlada (DOC); a organização de pools de compra para obter vantagem de escala; a promoção do turismo rural focado na produção sustentável e ambientalmente correta de aves e ovos, e a integração com os produtores de olerícolas, visando à produção de fertilizantes de qualidade.

“Já existem tecnologias que podem aumentar o valor nutricional do esterco”, ilustrou o especialista.

MILTON THIAGO DE MELLO: DESAFIOS TECNOLÓGICOS

Milton Thiago de Mello, presidente honorário da Abramvet. Foto: Raul Moreira/Arquivo SNA

Em mensagem enviada ao seminário, o presidente honorário da Academia Brasileira de Medicina Veterinária (Abramvet), Milton Thiago de Mello, afirmou que a agricultura no Estado do Rio precisa estar antenada aos desafios tecnológicos do presente, que surgem com os avanços da ciência, "principalmente nos campos de genética e do meio ambiente", disse ele, citando como exemplos os tratamentos que utilizam células-tronco, as carnes artificiais produzidas a partir de células adultas e ainda o surgimento de novos padrões como o de Governança Ambiental, Social e Corporativa (ESG, na sigla em inglês).

A seguir, a íntegra da mensagem de Milton Thiago de Mello:

"No início do ano em que se festejam 2 séculos da Independência do Brasil, é bastante oportuna a realização do Seminário "Produção de Proteínas de Origem Animal no RJ – presente e futuro". O tema já estava incluído no "1º Congresso Nacional de Medicina Veterinária", com centenário também agora comemorado (1922-2022).

O Estado do Rio de Janeiro teve o privilégio de abrigar a capital do País, na cidade do Rio de Janeiro, durante o Império e a República, até 1960, quando ela foi transferida para Brasília: foi a coroação da "Marcha para o Oeste" iniciada por Getúlio Vargas e consolidada por Juscelino Kubitschek.

Desde que os portugueses as colonizaram, a partir dos primeiros anos após a fundação da 'Muy leal y heroica cidade de

São Sebastião do Rio de Janeiro', as terras em volta da cidade foram aproveitadas para a incipiente atividade agropecuária que em certa época chamou-se agropastoril. Tudo era rudimentar e improvisado. Podia ser chamada de agricultura de 'fundo de quintal'.

Com a proteção da poderosa capital, o Estado desenvolveu-se em todos os setores de atividades, entre elas a produção agropecuária.

A transferência da capital do País para Brasília não arrefeceu o entusiasmo dos produtores de proteína animal. Ao contrário. A pecuária de carne, leite e ovos é exemplar, com destaque para a criação de caprinos. Em pouco mais de meio século, a produção dessas proteínas é modelar no ***presente****, como será visto no Seminário. O Estado do Rio de Janeiro, além de servir de exemplo, até poderia ser autossuficiente quanto aos produtos agropecuários.*

Embora restrito às proteínas alimentares de origem animal (POA), o "Seminário" demonstra a pujança do agronegócio no Estado, quando acrescido dos produtos de origem vegetal, tendo à frente os grãos alimentícios: feijão, milho e soja bem como a mandioca, açúcar e café.

E o ***futuro****?*

Alguns desafios tecnológicos no presente estão surgindo devido aos avanços da ciência, principalmente nos campos de genética e do meio ambiente. Aparecem duas siglas importantes: CRISPR e ESG, além de células tronco e carnes artificiais a partir de células adultas pluripotentes, tudo praticamente no século atual.

Parabéns à SNA (Sociedade Nacional de Agricultura) pela produção do Seminário com apoio do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado do Rio de Janeiro e da Academia Brasileira de Medicina Veterinária. É importante lembrar que a SNA teve papel relevante no agronegócio no Brasil, em particular no Estado do Rio de Janeiro. Em certa ocasião, no início da República, até substituiu o Ministério da Agricultura. Sua revista "A Lavoura", publicada ininterruptamente desde 1897, e a publicação online Animal Business Brasil, dão orientação segura não só para os agricultores fluminenses como para todo o país. A SNA é dirigida agora, com grande entusiasmo, pelo Dr. Antonio Mello Alvarenga Neto.

Parabéns igualmente para o acadêmico Luiz Octavio Pires Leal que, quando jovem veterinário, pugnou pela avicultura no Estado e no país. Agora edita com brilho a revista online Animal Business Brasil, da SNA".

Milton Thiago de Mello

RÔMULO SPINELLI: “NÃO TEMOS QUANTIDADE, MAS TEMOS QUALIDADE”

Rômulo Spinelli, presidente Conselho Regional de Medicina Veterinária do Rio de Janeiro. Foto: SNA

Rômulo Spinelli, presidente Conselho Regional de Medicina Veterinária do Rio de Janeiro (CRMV-RJ), abordou as oportunidades que o estado pode ter para aumentar sua produção no setor de proteína animal. Segundo ele, o apoio tecnológico de universidades e de instituições como a Pesagro, Emater, Instituto Vital Brasil, núcleos da Embrapa, entre outras, são importantes para alavancar o desenvolvimento da atividade.

“Temos genética exportada para o mundo, obtida com muita competência e determinação. Não temos quantidade, mas temos qualidade”, ressaltou Spinelli, que também falou sobre a importância dos cursos de capacitação, como o de inspeção de produtos de origem animal. “Há muitos profissionais despreparados para a atividade”, ressaltou o palestrante.

No âmbito legislativo, o presidente do CRMV defendeu a modernização da Lei 5.517, de 1968, que dispõe sobre o exercício

da profissão de médico veterinário e cria os Conselhos Federal e Regionais de Medicina Veterinária.

FRANCISCO ALMEIDA: “NOSSO PAPEL É FAZER POLÍTICA DE CLASSE”

Francisco Cavalcanti de Almeida, presidente do Conselho Federal de Medicina Veterinária. Foto: SNA

Francisco Almeida, presidente do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), falou sobre o trabalho realizado pela entidade junto ao Congresso Nacional com assessores parlamentares, e destacou o relacionamento do Conselho com o Poder Executivo e com o Ministério Público Federal para o desenvolvimento de políticas públicas.

“Nosso papel é fazer política de classe e fiscalizar o exercício profissional. Estamos lutando para que a atividade seja fiscalizada somente por médicos veterinários ou zootecnistas, e não por fiscais de nível médio, que não estão preparados para essa finalidade”, declarou o executivo.

Durante o seminário, ele anunciou a aprovação, pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), das novas diretrizes curriculares para os cursos de Medicina Veterinária, que deverão entrar em vigor em 2023.

ALBERTO FIGUEIREDO: “PECUÁRIA LEITEIRA NO RIO PRODUZ MENOS DE 20% DO QUE É CONSUMIDO NO ESTADO”

Alberto Figueiredo, diretor técnico da Sociedade Nacional de Agricultura. Foto: SNA

Ao falar sobre pecuária leiteira, o diretor técnico da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), Alberto Figueiredo, informou que o Brasil produz atualmente 35.4 bilhões de litros de leite por ano, em um cenário de baixa produtividade média por área ocupada, com pastagens degradadas, concentração em propriedades com maior volume de produção e distanciamento entre produtores, indústrias e comércio varejista.

Além disso, Figueiredo pontuou que o setor enfrenta um custo de produção elevado, com 36 para 55 litros de leite por saco de ração; baixa competitividade no mercado internacional, com a possível influência dos subsídios, e um consumo per capita inferior ao indicado, devido ao reduzido poder aquisitivo da população.

No caso do Rio de Janeiro, o diretor da SNA disse que, apesar do solo e clima adequados para produção, do grande mercado de consumo, da renúncia fiscal de quase 15% sobre o preço pago ao consumidor e da tradição da atividade em todos os municípios, a pecuária leiteira produz menos de 20% do que é consumido no Estado e sofre com dificuldades de comercialização.

Como possíveis propostas para melhorar a atividade no estado, o diretor da SNA sugeriu o incremento ao programa de aumento da

produtividade por área nas fazendas, com pastagens melhoradas e alimentos suplementares para o rebanho; investimentos em pesquisas sobre produtos alternativos para a alimentação do gado; maior fiscalização na utilização dos recursos do programa de incentivo do governo estadual; incentivo a contratos de médio e longo prazos entre produtores, indústrias e varejistas, com a valorização de produtos personalizados (“da fazenda para a mesa”); investimento em campanhas para aumentar o consumo de leite, e busca de oportunidades para a exportação de produtos lácteos.

CARLOS ALBERTO MAGIOLI: TECNOLOGIA E INSPEÇÃO SANITÁRIA NA PRODUÇÃO DE CARNE BOVINA

Carlos Alberto Magioli, médico veterinário. Foto: SNA

O médico veterinário Carlos Alberto Magioli traçou um quadro sobre a produção de carne bovina no Rio de Janeiro. “Atualmente, o rebanho de corte no Estado totaliza 1.635.134 cabeças. Em 2020 foram abatidos 127.020 bovinos, com produção estimada de 33.599,30 toneladas para um consumo de 651.382,91, ou seja, a produção corresponde a 5,16% do consumo”.

Citando dados do relatório do seminário Estratégias de Enfrentamento ao Abate Clandestino, Lixões e Criação Irregular, realizado pelo Ministério da Agricultura e outras entidades e associações do Rio de Janeiro, Magioli disse que 60% dos abatedouros, localizados em municípios como Quissamã, Sapucaia, Campos dos Goytacazes, Itaperuna, entre outros, funcionam com 60% de ociosidade.

Nestes estabelecimentos, acrescentou o especialista, é preciso “observar o processamento tecnológico do abate, as boas práticas

de higiene, a inspeção sanitária adequada, o aproveitamento dos resíduos comestíveis e não comestíveis, os materiais específicos de risco, a frigorificação, o transporte e a distribuição”.

Além disso, destacou Magioli, “os estabelecimentos devem dispor de programas de autocontrole desenvolvidos, implantados, mantidos, monitorados e verificados por eles mesmos, com registros sistematizados e auditáveis que comprovem o atendimento aos requisitos higienicossanitários e tecnológicos para assegurar a inocuidade, a identidade, a qualidade e a integridade dos seus produtos, desde a obtenção e a recepção da matéria-prima, dos ingredientes e dos insumos, até a sua expedição”.

Na ocasião, o palestrante abordou a Lei 7889/89, que dispõe sobre inspeção sanitária e industrial dos produtos de origem animal, e falou sobre a importância do Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Animal, dos consórcios de municípios que favorecem a ampliação do mercado nacional de produtos das agroindústrias, da regionalização do abate e dos produtos alimentícios de origem animal produzidos artesanalmente.

STEFAN MIHAILOV: “Até 2050, a demanda mundial per capita pelo consumo de carne deverá aumentar 75%”

Stefan Mihailov, presidente da Champion Saúde Animal, e Josélio de Andrade Moura, presidente da Abramvet. Foto: SNA

No contexto internacional, Stefan Mihailov, presidente da Champion Saúde Animal, falou sobre alguns dos desafios do agronegócio no mundo. Entre eles, a garantia de segurança alimentar diante do acelerado crescimento da população, que, segundo o executivo, deverá atingir 8 bilhões de pessoas até 2050, e a necessidade de atender o aumento da demanda por proteína animal, considerando o fato de que “cerca de um milhão e meio a mais de pessoas deverão sair do meio rural para o meio urbano nas próximas décadas”, o que também poderá gerar problemas de ordem social.

“Até 2050, a demanda mundial per capita pelo consumo de carne deverá aumentar 75%, passando dos atuais 37 kg para 50 kg por habitante/ano. Já a demanda por laticínios deverá subir 53%, passando de 83kg para 89kg por habitante/ano”, ressaltou Mihailov.

SYLVIA WACHSNER: “PRODUÇÃO ORGÂNICA NO SETOR DE PROTEÍNA ANIMAL AINDA É BASTANTE PEQUENA NO RIO”

Sylvia Wachsner, diretora da Sociedade Nacional de Agricultura. Foto: SNA

Ao destacar a importância dos alimentos orgânicos, a diretora da SNA, Sylvia Wachsner, observou que a produção orgânica no setor de proteína animal ainda é bastante pequena no Estado do Rio.

“Quanto ao leite e laticínios orgânicos, há um volume de produção um pouco maior, mas ainda sem destaque. Precisamos de sistemas mais sustentáveis, de insumos mais naturais e biológicos. Por outro lado, há um mercado disposto a consumir esses produtos”, disse.

“Mais importante do que conseguir uma produção orgânica, é preciso ter, sobretudo, um produto diferenciado, mais sustentável, com menos herbicidas. Pensar no bem-estar dos animais também é fundamental”, concluiu Sylvia.

JOSÉLIO MOURA: “QUEM NÃO ESTIVER NA MAIS ALTA TECNOLOGIA DE COMPETITIVIDADE, ESTÁ FORA DO MERCADO”

Josélio de Andrade Moura. Foto: SNA

Josélio de Andrade Moura, presidente da Abramvet, abordou o cenário atual da suinocultura, disse que a erradicação da peste suína africana no Brasil foi um marco para o setor e destacou que o consumo mundial de carne suína em 2050 será de 94 milhões de toneladas, contra 88 milhões de toneladas no ano 2000. No entanto, observou o executivo, “a capacidade de produção não está acompanhando a demanda”.

Moura também falou sobre os avanços tecnológicos na suinocultura, entre eles, a criação de granjas verticais para suínos na China. “Quem não estiver na mais alta tecnologia de competitividade, com respeito ao meio ambiente e às leis sociais, está fora do mercado”, disse.

No caso do Rio de Janeiro, acrescentou o palestrante, “temos de nos basear nesses exemplos não só para produzir com alta qualidade e produtividade, mas também com baixos custos”. No

entanto, segundo Moura, há fatores limitantes como os parasitos, que devem ser considerados.

Sobre a produção brasileira, o palestrante disse que em 2010 o volume de carne suína era de 3.2 milhões de toneladas, e em 2020 esse número cresceu para 4.4 milhões de toneladas, segundo dados da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

ANDRÉ MEDEIROS: “BRASIL DEVE REGISTRAR CRESCIMENTO DE 89% NA PRODUÇÃO DA PESCA E AQUICULTURA ATÉ 2030”

André Medeiros, extensionista da Fiperj. Foto: SNA

O extensionista André Medeiros, da Fundação Instituto de Pesca do Estado do Rio de Janeiro (Fiperj), traçou um painel sobre o atual cenário brasileiro e fluminense da aquicultura.

A partir de informações do anuário da PeixeBr, ele mostrou que a produção de peixes de cultivo no País avançou 5,9% em 2021, atingindo mais de 800.000 toneladas, com destaque para a tilápia e o tambaqui.

Medeiros mencionou ainda um relatório de 2018 da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), estimando que o Brasil deverá registrar um crescimento de 89% na produção da pesca e aquicultura até 2030.

Ao mencionar o Estado do Rio, o palestrante falou sobre a predominância da pesca industrial, destacando as sardinhas como as espécies mais capturadas, e na aquicultura citou novamente a tilápia como o carro-chefe do setor.

Outros números da PeixeBr, divulgados por Medeiros, indicam que a produção da piscicultura no Rio, que em 2019 registrou 4.700 toneladas, em razão da pandemia fechou 2020 com 3.340 toneladas. Quanto aos principais destinos do pescado, tanto na pesca industrial como artesanal, os atravessadores detêm a maior parcela.

“Geralmente os pequenos pescadores não conseguem inserir seu produto na indústria, então os atravessadores aparecem e pagam um preço mais baixo para esses pescadores, que revendem esse peixe com valor agregado, mas com qualidade baixa”, explicou o especialista.

Já a cadeia da aquicultura, tanto de corte quanto ornamental, que também ganha força no estado, é mais organizada, e com melhor controle sanitário, disse o especialista. Porém, segundo ele, “falta gestão no setor”.

Por fim, Medeiros chamou a atenção para alguns desafios que englobam as atividades de pesca e o cultivo de peixes. Entre eles, a necessidade de maior conhecimento sobre a aquicultura nativa e de facilitar o licenciamento ambiental como forma de combater o trabalho ilegal e favorecer a concessão de crédito para o produtor; investir em pesquisa e tecnologia e na elaboração de dados oficiais; melhorar a infraestrutura das embarcações (quando muitas delas estão em desacordo com a legislação higienicossanitária); melhorar o escoamento da produção nos terminais pesqueiros; promover o beneficiamento adequado do pescado e incentivar políticas públicas e programas governamentais para a abertura de mercados.

AUGUSTO PEREIRA: RECOMENDAÇÕES PARA OS INVESTIDORES EM PISCICULTURA

Augusto Pereira, pesquisador da Fiperj. Foto: SNA

Ainda no âmbito da piscicultura, Augusto Pereira, pesquisador da Fiperj, discorreu sobre a importância de investimento na cadeia produtiva no Estado do Rio de Janeiro. Segundo ele, os empresários e produtores que optam por atuar na piscicultura devem conhecer o perfil do mercado onde se quer atuar e estar atento aos custos de produção, fator que, segundo ele, é geralmente desconsiderado.

“Licenciamento ambiental é outro fator que trava muito o desenvolvimento da atividade”, acrescentou Pereira. “O produtor precisa também estar atento a esse aspecto, a fim de garantir financiamento”.

Além disso, enfatizou o pesquisador, a realização de eventos para a difusão de tecnologia e de informação do setor para o grande público é igualmente relevante, assim como as campanhas de promoção do consumo de peixe e de conscientização a respeito de como o consumidor deve identificar produtos de qualidade.

JULIANA VIRGÍNIO: “SÃO JOSÉ DO VALE DO RIO PRETO É DESTAQUE FLUMINENSE”

Juliana Virgínio, médica veterinária. Foto: SNA

A médica veterinária Juliana da Silva Virgínio, ex-secretária de Agricultura de São José do Vale do Rio Preto, destacou o potencial agrícola do município fluminense. Segundo dados recentes da Emater-Rio, São José é o maior produtor hortifrutigranjeiro e o maior produtor avícola do estado, sendo reconhecido por sua larga produção de frangos, ovos, chuchu, caqui e café.

RICARDO FERREIRA: LINHAS DE CRÉDITO PARA OS PRODUTORES RURAIS

Ricardo Ferreira, gerente técnico da Emater-Rio. Foto: SNA

Ricardo Belo Ferreira, gerente técnico da Emater-Rio, forneceu dados sobre as opções de crédito que os pequenos, médios e grandes produtores rurais dispõem para financiar suas atividades, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), e destacou, entre outros, o Programa Especial de Fomento Agropecuário e Tecnológico (Agrofundo).

Na ocasião, Ferreira explicou que o Agrofundo disponibiliza recursos por meio de linhas de financiamentos a produtores rurais e suas diversas formas de organização e agroindústrias para investimento e custeio de projetos agropecuários e agroindustriais. “O objetivo é buscar a integração dos aspectos tecnológicos de produção, ambientais e de mercado”, disse ele.

Ideias que poderão ser úteis para os empreendedores

Por Luiz Octavio Pires Leal

Jean Monnet
= Os primeiros passos da Comunidade Europeia =

A atual Comunidade Europeia nasceu da cabeça de um grande homem chamado Jean Monnet, nascido em Cognac, na França, em 1888, numa família de negociantes de licores, e que, aos 18 anos, quando saiu para a sua grande viagem, ouviu do pai o conselho:
"Não leve livros. Ninguém pode pensar por ti. Fala com as pessoas. Presta atenção naquele que está a teu lado."

Monnet visitou o Canadá, Estados Unidos, Inglaterra, Suécia, Rússia e Egito e registrou suas primeiras conclusões: "Onde as mudanças eram aceitas, a expansão estava garantida. Compreendi que era necessário e possível organizar as mudanças."

Quando a Guerra de 1914 começou, Monnet imaginou o que seria necessário fazer. "Era evidente que os aliados iriam ter que se defrontar com um enorme problema, que não estavam preparados para resolver: o da coordenação do esforço de guerra. Era necessário inventar formas de organização sem precedentes. Aprendi, no decorrer das minhas viagens, que os fenômenos econômicos não são forças cegas, mas podem ser orientados e medidos, e sobretudo, onde reina a organização reina o verdadeiro poder."

Quando o governo francês deixou Paris para se instalar em Bordeaux, Monnet conseguiu uma entrevista com Viviani, que era o presidente do Conselho. Analisando a subida do preço da aveia, ração muito importante para a alimentação dos cavalos, Monnet fez com que o governante percebesse que o motivo do problema residia não no cereal em si, mas sim no valor do frete, que subia, continuamente, pelo simples fato de que as frotas da França e do Reino Unido – dois aliados – concorriam entre si.

O resultado foi que, com apenas 29 anos de idade, Monnet foi nomeado chefe da Delegação Francesa do Comércio e dos Transportes, e a primeira consequência foi o entendimento entre as

intendências francesa e inglesa, que deixaram de atuar como rivais. A noção de interesse nacional cedeu lugar ao conceito de interesse comum.

O nascimento da ONU

No final de 1914, Monnet foi enviado para Londres, onde desempenhou uma ação importante na criação de diversos comitês com a finalidade de racionalizar a atividade econômica dos aliados. Cinco anos mais tarde, durante o verão de 1919, ele foi nomeado, ao lado do americano Raymond Fosdick e do britânico Eric Drummond, membro do Secretariado-Geral da Sociedade das Nações, organização precursora da Organização das Nações Unidas (ONU).

O nascimento do Victory Program

Em 1941, Jean Monnet havia se tornado um dos mais destacados conselheiros do presidente Roosevelt, a quem tinha convencido de uma ideia simples mas fundamental: a de que os Estados Unidos deveria tornar-se o grande arsenal das democracias. Essa ideia influiu na implementação do gigantesco programa de produção militar, o “Victory Program”, que foi decisivo na vitória dos Aliados, na Segunda Grande Guerra Mundial.

Resumo do pensamento Jean Monnet

- Onde reina a organização reina o verdadeiro poder.
- A primazia do direito sobre a força.
- Unir os homens.
- A delegação de soberania.
- Nada é possível sem os homens. Nada é duradouro sem as instituições.
- Os assuntos de Estado não têm necessidade do aparelho secreto, da agitação de emissários e das intrigas que os rodeamos na realidade, e ainda mais na lenda.
- Geralmente, as coisas mais importantes são simples, se assim o quisermos.
- Nada daquilo que pretendemos fazer para atingir o objetivo fixado é secundário. Nada deve ser aproximativo, concluído por cansaço ou pelo adiantado da hora.

Citações para refletir

David Ben Gurion

“Tenho ouvido dizer que lutamos tanto por uns poucos quilômetros de areia. Mas esta é a nossa terra, e dela brotará nosso alimento. Pode ser árduo o trabalho, mas é a terra que temos. Aqui nascerão os frutos de Israel, dos quais os judeus irão se orgulhar”.

Marc Bloch

“História é a ciência dos homens no tempo e que precisa unir, sem cessar, o estudo dos mortos ao dos vivos”.

Heróclito

“Pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro”.

John Locke

“Sempre considerei as ações dos homens como as melhores intérpretes dos seus pensamentos”.

Aristóteles

“O ignorante afirma, o sábio duvida, o sensato reflete”.